

14 cinema 18 teatro 19 música 20 exposições

PÚBLICO FIM DE SEMANA

A INTEGRAL DAS SINFONIAS DE MAHLER: UM COLECCIONÁVEL

FOTO JOSE MANUEL RIBEIRO





“Clamor”, de Luísa Costa
Gomes, Ricardo Pais
e António Lagarto,
estreia no D. Maria II
**O COMBATE
DE VIEIRA**

VIEIRA

"Não há maior comédia que a minha vida; e quando quero chorar ou rir, ou admirar-me ou dar graças a Deus ou zombar do mundo, não tenho mais que olhar para mim."

Padre António Vieira,
"Cartas, III, 718"

Uma, duas, três vozes distintas começam a falar. A cortina preta, corrida, esconde o palco. O espectador, perplexo, ouve sons vindos de dentro de uma "passerelle" de madeira que atravessa a sala, desde a porta de entrada até à boca de cena. A cabeça de uma personagem aparece no meio desta "passerelle" e vira-se lentamente. Está a dormir... Numa plataforma construída à frente do palco estão outros personagens enterrados em alçapões, que aparecem e desaparecem nos diferentes buracos, dizendo as suas deixas.

No início é o negro, o vazio, a inexistência de objectos. Depois a cor vai surgindo. O vermelho forte da roupa do Demónio, o amarelo do deserto, o



JOSÉ RIBEIRO

guir, surgem as "coisas": uma jaula com leões vermelhos, três palmeiras multicoloridas, uma baleia gigante... No início é a voz, mais tarde a oração, a prece, a oratória e a retórica. Sem grandes sermões.

A intenção é fazer o público sentir que o importante são as palavras ditas. Que o mais importante são os textos escritos pelo Padre António Vieira, agora convertidos pela escritora Luísa Costa Gomes nos três andamentos — e não actos ou partes como é hábito numa peça de teatro — de "Clamor", a primeira grande encomenda de Lisboa-94, e o novo projecto da dupla Ricardo Pais/António Lagarto (depois de, em 1989, ambos terem apresentado, no D. Maria II, "Fausto, Fernando, Fragmentos").

"Clamor" retrata três conflitos distintos enfrentados pelo jesuíta Vieira durante os seus 89 anos de vida. No primeiro andamento — assim chamado devido à importância da música composta pelo brasileiro Egberto Gismonti —, a luta do Padre é em defesa dos índios da Amazónia. Os homens da Companhia de Jesus instalados no Maranhão, Brasil, em 1661, envolvem-se numa violenta contenda sobre a escravização e a cristianização dos índios. De um lado, os colonos à procura de mão-de-obra barata. De outro, o caminho da fé e da salvação da alma.

Luísa Costa Gomes pegou nas palavras de Viei- >>

CLAMOR

DE LUÍSA COSTA GOMES, SOBRE TEXTOS DE PADRE ANTÓNIO VIEIRA

DIRECÇÃO DE RICARDO PAIS

CENOGRAFIA E FIGURINOS DE ANTÓNIO LAGARTO

COREOGRAFIA DE VERA MANTERO

MÚSICA ORIGINAL DE EGBERTO GISMONTI

COM AFONSO MELO, ANDRÉ GAGO, FERNANDO LUÍS, JOÃO GROSSO, JOSÉ NEVES,

ANTÓNIO RAMA, FERNANDA ALVES, LÚCIA MARIA E LUÍS MADUREIRA

LISBOA TEATRO NACIONAL D. MARIA II

ESTREIA TERÇA-FEIRA, 29, ÀS 21H30 —

Padre Nosso

M A R I N A R A M O S

Nome? Padre António Vieira. Natural? Da cidade de Lisboa. Religião? Professo da Companhia de Jesus, assistente no Colégio desta Cidade. Luísa Costa Gomes leu. António Lagarto visualizou. Ricardo Pais encenou. O resultado? "Clamor". Um espectáculo que tem a sua força no texto, não nas personagens. Um texto sobre "um grande homem de combate".

Vencedores de Oscar®
ANTHONY HOPKINS EMMA THOMPSON



Do Criador de "Regresso a Howards End"

DESPOJOS DO DIA
REMAINS OF THE DAY

Um filme de JAMES IVORY

UMA PRODUÇÃO DA MIRA FILMS

ANTHONY HOPKINS • EMMA THOMPSON • JAMES FLYNN • CHRISTOPHER REEVE • "THE REMAINS OF THE DAY"

Classificação: M/12 ANOS

3.ª SEMANA

LISBOA: AMOREIRAS - FONTE NOVA - KING - WARNER-LUSO-MUNDO (CascaiShopping) • SETÚBAL: JUMBO
PORTO: LUMIÈRE - NUNÁLVARES

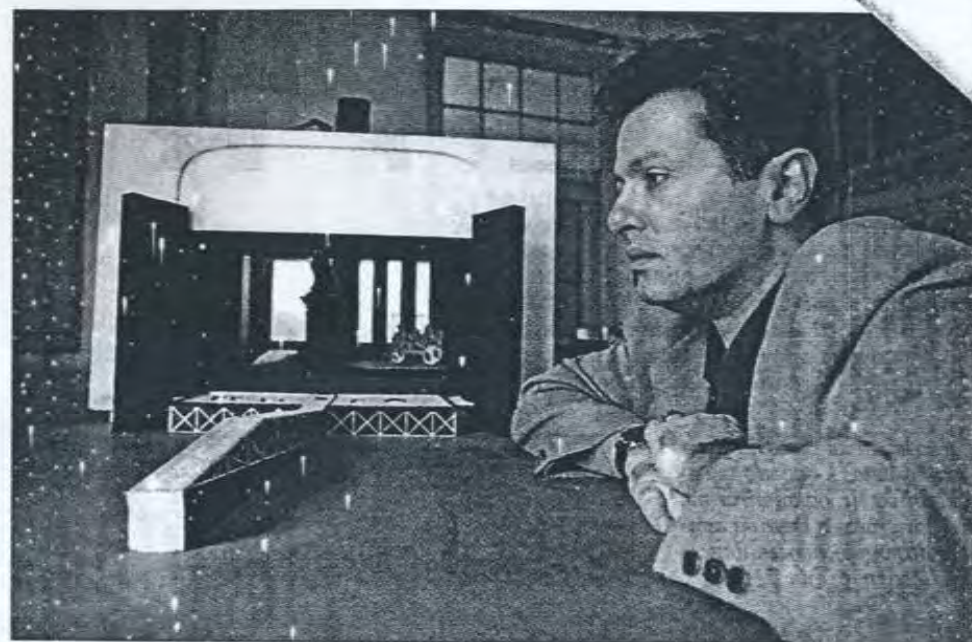
FILME DE QUALIDADE

VIEIRA

>> ra e colocou-as na boca de outros: Gonçalo Anes de Bandarra ("o idiota e profético sapateiro de Trancoso"), Padre José Soares (dedicado e apagado companheiro de Vieira), o Profeta Isaías ou João-Baptista, e Jorge De Sampaio e Carvalho (procurador, antigo almoxarife, agora preso sob suspeita de corrupção). Só que, e como salienta o encenador Ricardo Pais, nenhuma delas se chega a constituir como personagem: "Os textos não constroem pessoas, mas tipos."

Mais que personagens, os actores são vozes, identificam-se pelo que dizem. Algumas são duplicadas, caso da do Demónio (Fernando Luís e André Gago). Outras, como a de Vieira, desmultiplicam-se pelos vários actores. "Transformei o Demónio numa espécie de 'compère', que subverte a ordem textual e estabelece uma relação directa com o público", explica Pais.

Os saltos temporais entre cada andamento impediam, à partida, a entrega da personagem de Vieira a um único actor. Poder-se-ia sempre escolher três intérpretes, de idades diferentes, que se encarregariam de representar cada um dos episódios. Mas o encenador achou não ser esse o me-



António Lagarto...



... e Ricardo Pais: a dupla reencontrou-se em "Clamor"

espaços e a multiplicidade de

pc, o dinheiro, as passadas. Os

No terceiro andamento,

4.ª SEMANA

VENDEDOR DE MILAGRES

A partir do Conto de
GABRIEL GARCIA MARQUEZ

Na Sala Povo Portuense - Tel. 2082131

Todos os dias às 21h45. Domingos, e feriados "matinês" às 16h00.

Um espectáculo **SEIVA TRUPE**... é claro!

COMPANHIA PATROCINADA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

ABSURDOS...?

Pelos alunos da **ESCOLA DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA SEIVA TRUPE**

Todos os dias às 21h45. Domingos "matinês" às 16h30.

No Espaço Cénico do TUP (Teatro Universitário do Porto),
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 120, ao Palácio.

**NÃO FUME
EM RECINTOS FECHADOS!**

lhora solução: "Afinal, em cena, todos dizem palavras do jesuíta." Por isso, a alternativa encontrada para contornar esta incapacidade de reconstituir Vieira — "um homem sobre o qual se escreveu exaustivamente, mas sobre o qual se sabe pouco em termos de personalidade" — acabou por ser a distribuição das falas por vários actores.

"Imagens projectadas"

Brasil, Lisboa e Roma são as três etapas de "Clamor", entendido como uma permanente viagem. Vieira, nascido na freguesia da Sé, em Lisboa, fez-se jesuíta, pregador e missionário na Baía. Homem de confiança de El-Rei D. João IV, foi político e diplomata com missões em Haia, Paris, Ruão e Roma. A noção de movimento, de caminho, é ainda dado pelos diferentes locais onde decorre a acção.

No primeiro momento, as personagens estão perto do público. Dirigem-se a ele, ocupam a "passerelle" e a boca de cena, mas não alcançam o palco — o paraíso inatingível, o outro lado do Oceano, a terra prometida, onde são "projectadas imagens". António Lagarto confia que esta foi a forma encontrada para unificar a pluralidade de

Costa Gomes. "Ou punha tudo em palco e apontava uma luz cada vez que o objecto era referido, ou arranjava uma solução alternativa", diz. A chave encontrada foi o vazio do palco, concebido como local que se vê, mas que não se atinge, e onde são "exibidas" imagens.

No segundo andamento a acção invade as tábuas. "Avança-se para o meio do palco, onde surge a mesa da Inquisição, uma barreira de cinco metros que impede o acesso ao outro lado", explica Lagarto. Assim, depois de acompanhar um enérgico e persuasivo Vieira na sua defesa dos índios contra os ímpetus dos "conquistadores" — "Foram tais os meios com que os moradores do Maranhão obraram a avassaladora dos Índios, que desde o princípio do Mundo não se executaram tantas injustiças, crueldades e tiranias..." —, o espectador assiste à defesa de Vieira, 55 anos, perante o juiz do Santo Ofício.

Acusado de judaísmo, é submetido a longos interrogatórios, nos quais, além dos assuntos religiosos ("Sempre fui um bom e fiel católico"), se debatem questões políticas. Em pleno século XVII, António Vieira diz: "Os ministros antigos da república hebraica e de muitas outras ainda, quando despachavam mal os seus requerentes, faziam-lhe três mercês: poupavam-lhes o tem-

da que nos despachem bem, fazem-nos três danos: o do dinheiro, porque o gastamos; o do tempo, porque o perdemos; o das passadas, porque as multiplicamos." No remate deste sermão, ainda avisa: "Os ministros perdem-se pelo que fazem, que esses são os menos maus; os piores perdem-se pelo que deixam de fazer, que esses são os piores. O mal é que se perdem a si e perdem a todos."

"Não gritem, a força está no texto"

A Mesa da Inquisição é usada como a fronteira entre o mundo terreno e o paraíso desejado, a que o espectador, sentado na sua cadeira, não pode chegar. O plano elevado no qual Isaías faz o monólogo de defesa do Quinto Império do Mundo (a seguir ao assírio, persa, grego e romano) realça essa impossibilidade. Vieira deslindava o mistério desse caminho baseando-se em especulações cabalísticas, combinadas com caprichosas interpretações do Apocalipse. Aguardava a instalação do Império Consumado de Cristo do Mundo no ano de 1666, "data considerada por muitos como decisiva para o destino da Humanidade". D. João IV seria o futuro imperador deste Quinto Império.

cortês e missionário, em dois planos distintos de representação. Olhando lá do alto está Cristina da Suécia (Lúcia Maria), desterrada em Roma, com a sua corte, em pleno sarau da Academia Real. Em baixo, junto à assistência, um idoso Padre António Vieira continua a tentar entender os índios. As falas sucedem-se, como numa montagem paralela. Algumas atropelam as seguintes, entrecruzam-se, repetem-se, chocam, baralham-se, entre viva polémica.

Nos ensaios, Ricardo Pais insiste com os actores: "Não gritem, a força está no texto, não em vocês." A força está na arte de enunciar, de responder, de enganar, de seduzir persuasivamente e, fundamentalmente, na arte de escrever — o que, no caso de Vieira, se cola à arte de falar. "O que sobra de Vieira nesta peça é o artista. Trata-se de lhe dar voz, embora não saibamos, de facto, como é que um orador do século XVII pregaria", afirma.

"Tenho uma paixão natural pelos textos de retórica e embalo-me neles como num Pai Nosso", continua, referindo que, nesta encenação, procurou o que pudesse metaforizar a predestinação de Portugal à sua solidão cultural: "Este nosso portuguêsismo de que Vieira é o símbolo mais absoluto." ■

FOTOS BRUNO PORTELA





LUÍSA COSTA GOMES, AUTORA DE "CLAMOR", AO PÚBLICO

“O Padre António Vieira foi um grande homem de combate”

TORCATO SEPÚLVEDA

A romancista e ensaísta Luísa Costa Gomes mergulhou no mar imenso que é a obra do Padre António Vieira: sermões, cartas, livros proféticos, como “História do Futuro”. Para escrever uma peça de teatro, “Clamor”, que Ricardo Pais encenou, “Clamor” é como um sermão em três andamentos,

Primeiro sentiu-se fascinada pelo Vieira escritor e orador. O político, com as suas intrigas, repelia-a. Depois, a romancista Luísa Costa Gomes aprendeu a amar o homem de ação, que jogou a vida na defesa dos índios brasileiros e dos cristãos-novos. Escreveu então a peça “Clamor”. Em entrevista ao PÚBLICO, declarou, frontal: “O Padre António Vieira foi um grande homem de combate.”

porque a escrita do jesuíta era toda pensada — mesmo a correspondência — para a oratória, para a música. No entanto, Luísa Costa Gomes não quis ficar-se por uma espécie de homenagem ao escritor, ao retórico, que ela afirma ser muito mais do que isso.

Vieira é para ela — à semelhança de Ramón Lull, sobre o qual escreveu um romance, “Vida de Ra- >>>

>> món" (ed. Publicações Dom Quixote) — um homem de acção e um místico. Muito, mas mesmo muito parecido com o catalão Lull (ver em português "Livro do Amigo e do Amado", ed. Cotovia). Não seria por isso justo, diz a autora, "tornar a linguagem de Vieira o protagonista da peça". Porque as palavras que ele dizia "não eram ocas, tinham consequências". Contraditório, homem de poder, intriguista político, o jesuíta Vieira foi parar ao Tribunal do Santo Ofício por causa das suas ideias heterodoxas de defesa dos índios e dos judeus cristãos-novos. "Foram grandes as lutas na vida dele", diz a autora de "Clamor". E foram.

PÚBLICO — Realizou este longo trabalho, "Clamor", sobre textos do Padre António Vieira. Pergunto-lhe: escreveu um romance inspirado no catalão Ramón Lull. Sente-se fascinada por personagens que são simultaneamente racionalistas e místicas?

LUÍSA COSTA GOMES — É verdade, há uma coincidência, mas foi um acaso. Quando comecei a ler a biografia de Vieira notei que ele era extraordinariamente na-

tal, era também como Lull um emotivo que mascarava a emoção na irracionalidade. Os aspectos proféticos que ligados ao Quinto Império têm paralelo absoluto com a ideia de Lull de cruzada, da conversão dos muçulmanos em peso.

P. — O que o Padre Vieira pensava fazer com os judeus...

R. — Com os judeus, e com os índios, e com o reino de Cristo na Terra, e com a universalização da fé cristã. A instituição de um reino cristão universal.

P. — Por outro lado, o Padre Vieira — e você diz-lo no primeiro andamento da peça — é um jesuíta, nunca é inocente. Defende, como o dominicano Bartolomé de las Casas, que não se toque nos índios, mas que para o trabalho escravo, do qual estava dependente a colonização do Brasil, se importassem negros de África... Há ali a tentativa de estabelecimento de um Estado teocrático, cujos 'sujeitos' fossem os índios, porque os índios "pertenciam" à Companhia de Jesus.

R. — Sim, sim. Mas há coisas bastante mais práticas: os colonos massacravam



Luísa Costa Gomes: "Não é possível escrever seja o que for sem nos envolvermos"

muito bonita, muito lírica: "Eles morriam de puro sentimento." O que significava que aqueles que o Padre Vieira considerava filhos dilectos de Deus e instrumento privilegiado da expansão da fé no Brasil — porque era com os índios que ele pensava que se poderia instituir o Quinto Império —, se os colonos os massacravam, acabava-se esse sonho. Além do mais, os jesuítas tinham todo o interesse em tutelar os índios, porque eram eles os batedores, os exploradores, eram eles que conheciam a Amazônia, e portanto era através deles que se poderia entrar mais e mais dentro de zonas desconhecidas, muitas das quais tinham sido invadidas pelos holandeses.

Uma voz colectiva

P. — A peça é estruturada a dois níveis. Por um lado, parece ser um

época, isto é, textos históricos: no segundo andamento, por exemplo, ouvem-se as actas do processo que a Inquisição moveu a Vieira — textos inéditos que nem sequer estão publicados; e aquilo que lá está é aquilo que ele disse, é aquilo que se passou, não daquela maneira, porque o processo durou três anos e teve que ser sintetizado —, mas esses textos de época são sempre cruzados com textos oratórios. Esse cruzamento ocorre em quase todos os andamentos, talvez o terceiro seja aquele em que há menos. Mas o primeiro contém os textos históricos que levaram à expulsão dos jesuítas do Maranhão, em 1671; o segundo apresenta os textos históricos do processo de Vieira; no terceiro, penso que não há textos históricos e são todos oratórios. No primeiro e segundo andamentos, há também textos oratórios que são ditos por figuras bíblicas

quem Vieira mais se identificava. Porque Vieira era um mitómano e, à semelhança dos intelectuais do seu tempo, um imitador.

P. — No terceiro andamento, há dois Vieiras: o Vieira de corte, que poderia ser amigo de Baltasar Gracian, que fala com a rainha Cristina da Suécia, e o Vieira dos índios, da Amazônia...

R. — Exactamente porque pretendi, no terceiro andamento, não manter a dualidade que se vinha esboçando durante a peça. Ou seja, não me pareceu justo nem honesto optar por um Vieira de corte, palaciano, intriguista, com vontade de poder, ambicioso, ou um Vieira missionário. São duas coisas que permanecem sempre em tensão na obra dele. O que fiz no terceiro andamento, e que se mantém na encenação, é esse diálogo entre uma linguagem de corte e uma linguagem missionária.

nos textos oratórios. Ele procurou uma língua universal que fosse igual à originária, que fosse compreendida por todos os homens, e depois utilizou também uma linguagem de corte, sociável, ou social, como se quisesse. Essa tensão fortalece o próprio sermão que "Clamor" é.

P. — Porque é que coloca as declarações de Vieira aos inquisidores ditas por diabos?

R. — O desdobramento de Vieira em dois demónios é um procedimento de Ricardo Pais. Não está no texto. O que eu fiz no segundo andamento foi, de forma um bocadinho maliciosa, pôr um demónio a soprar a Vieira as declarações que ele presta à Inquisição.

P. — Isso está no texto...

R. — Isso está no texto. Mas o desenvolvimento último não está. A minha ideia era apresentar o demónio como uma espécie de orgulho de Vieira. Perguntam-lhe: "Sabe ler e escrever?" Para um homem de letras, é uma pergunta extremamente humilhante. No início da interpelação inquisitorial, a primeira reacção de Vieira é fugir, é sonegar informação. É

recido com Lull em termos temperamentais. Porquê? Porque é um homem de acção, é um homem que vive nas cortes — e Lull também. Por outro lado é um místico, um profeta e sobretudo, tal como Lull, um homem que tocou várias culturas. Extremamente cosmopolita. Do ponto de vista temperamen-

pura e simplesmente os índios. Quando os punham a trabalhar nos engenhos de açúcar ou nas lavras do tabaco — que é o trabalho mais cruel de quantos existem no Brasil —, eles morriam. Mesmo quando os separavam das famílias, eles morriam. Escreve Vieira, numa expressão de que gosto muito, que acho

sermão dito por várias pessoas, a várias vozes; e, por outro, é uma forma de apresentar Vieiras diversos. Como se Vieira tivesse heterónimos.

R. — Ou uma voz colectiva. A peça pode ser vista de várias maneiras. Praticamente em todos os andamentos de "Clamor" há textos de

baros, a linguagem utópica. Uma linguagem não civilizada, não retoricizada. Sem regras. Uma das minhas primeiras ideias orientadoras foi perceber essa tensão, ou dar a perceber essa tensão. Que se sente quer nos textos proféticos, quer

carta redigida por ele.

P. — Não a assinei.

R. — Pois: "Não a assinei." Fugia com o rabo à seringa. As primeiras respostas são evasivas, procurando sempre perceber o poder que ainda tinha naquele momento. E só quando entendeu que não tinha poder algum, que D. João IV morrera, que

OBRAS COMPLETAS DO PADRE
ANTÓNIO VIEIRA NA EDITORIAL VERBO

Apocalíptico & Integrado

CARLOS CÁMARA LEME

Fernando Pessoa não esteve de modas. Chamou-lhe "Imperador da Língua Portuguesa." António Sérgio também não podia ter sido mais radical: "Nunca se escreveu em Portugal mais claro, mais próprio, mais natural, de maior fluência, de mais vivo ritmo que o da obra oratória de Padre Vieira." Pois é. Mas as Obras Completas do jesuíta só poderão ler-se, num texto fidedigno, daqui a muitos anos..



Dois dos 25 volumes das Obras Completas de Padre António Vieira serão — se a equipa responsável pela sua edição os entregar a tempo e horas — lançados pela Editorial Verbo ainda este ano, apurou o PÚBLICO.

O projecto nasceu em 1987 na sequência de um colóquio sobre o autor do "Sermão de Santo António aos Peixes", organizado pela Socie-

dade Científica da Universidade Católica Portuguesa (UCP). Desde então, um grupo de investigadores está a trabalhar sob a coordenação de Aníbal Pinto de Castro — director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, professor da Faculdade de Letras da mesma universidade e coordenador da Edição Crítica da obra de Camilo Castelo Branco. Actualmente a equipa recebe um apoio anual de investigação, no valor de cinco mil contos, atribuído pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Quatro fases foram pensadas: levantamento exaustivo da bibliografia activa e passiva; fixação de critérios de crítica textual; tratamento informatizado; e por fim, antes da sua edição, trabalho de anotação.

Este último é elaborado por uma outra equipa. Maria Idalina Resina Rodrigues e Maria Lucília Pires, da Faculdade de Letras de Lisboa (FLL), que tratarão dos aspectos histórico-literários; Margarida Vieira Mendes, da mesma instituição, e José Alves Pires, da Faculdade de Filosofia de Braga, ocupar-se-ão das questões que se relacionam com os aspectos retórico-estilísticos; os temas teológicos serão abordados pelo reitor da UCP, D. José Policarpo; a anotação da escriturística e da patrística será da responsabilidade da dupla formada por Isidro Alves (vice-reitor da UCP) e Cerqueira

toda a gente estava farta dele, é que se retractou. Aliás, havia vários factores que o levavam a não se retractar, e ele escreve-o: um deles é a dignidade da sua Ordem...

P. — A Companhia de Jesus.

R. — Assim é.

P. — Que textos utilizou em "Clamor"?

R. — Depende. No segundo andamento, utilizei sobretudo aquilo que se podem considerar "textos demagógicos", e que Ricardo Pais tão bem encenou como um comício político. São textos fortíssimos, que antecedem imediatamente a morte de D. João IV: o "Sermão do Bom Ladrão", que é um murro no estômago, e o "Sermão da Sexagésima", contra a Inquisição, os dominicanos e a forma do pregar culto. E uma série de outros sermões. Mas todos da época em que Vieira se sentia seguro, protegido pelo rei, o que lhe permitia dizer o que disse. Sermões altamente políticos, de denúncia do "establishment", contra a acumulação de cargos...

As grandes lutas

P. — Ao ler "Clamor"

dele?

R. — Mantenho com ele — como aliás com Lull — uma relação ambivalente. Tenho que o admirar... E sentia muita resistência e muita relutância em admirá-lo. Era um homem com imensas qualidades, mas havia um aspecto que me repugnava particularmente, o político. Era ambicioso, dedicado à intriga política, com vontade de poder. Porém, a certa altura tive que me render à evidência: não só foi um grande escritor, como — e para mim fundamentalmente — um grande homem de combate. Correu riscos, o que ele disse não foi dito de forma leviana. Sofreu por aquilo que disse. Foi atormentado, humilhado e esteve vinte e seis meses preso por aquilo que andou a pregar durante vinte anos. Ora, de qualquer maneira, isto para mim é admirável. E, além do mais, foi um homem dilacerado entre mundos contrários, e portanto com aflições com as quais... me posso identificar...

P. — Dilacerado logo na linguagem. Porque criticava o cultismo, mas praticava-o.

Mas é verdade. O facto de querer os índios a trabalhar para ele — ele como jesuíta —, o facto de ter alvitado a importação de negros para cumprirem o trabalho escravo (embora tenha escrito textos comoventes acerca da condição dos negros no Brasil), o facto de se saber que os jesuitas castigavam com açoites a poligamia dos índios, prova que era um homem de poder, um político.

P. — Há em "Clamor" uma evidente preocupação em tornar Vieira operacional, hoje.

R. — Viável, prefiro dizer. Foram grandes as lutas na vida dele. Mas confrontei-me com esse problema, evidentemente, um problema de moda. Sting defende os índios, outras personagens mediáticas o fazem também. Porém, quando avancei no estudo da obra de Vieira, percebi que os seus combates eram incontornáveis. A defesa que ele faz dos índios é incontornável, assim como a luta dele contra a Inquisição. É claro que — conhecendo Ricardo Pais como conheço — o meu primeiro impulso foi tratar a pura



SÃO LUIZ

SALA - ESTÚDIO

COMPANHIA



TEATRAL
do CHIADO

MARCAÇÕES E
INFORMAÇÕES - 347 12 79

APRESENTA O SEU NOVO ESPECTÁCULO

«O Ensaio de um Sonho»

A NOVA PRODUÇÃO TEATRAL BASEADA EM TEXTOS DE

INGMAR BERGMAN

AUGUST STRINDBERG



no se o conhecesse.

R. — Não é possível es-
revermos seja o que for
em nos envolvermos...

P. — Há gradações...
"ala dele como de um
migo que tivesse sido
reso pela PIDE, por
xemplo. O que pensa

com sentido. Então, por
exemplo, sermões cultistas
de Frei Domingos de S. To-
más que são medonhos.
Aliás, a contraposição que
se faz, no terceiro anda-
mento de "Clamor", entre
Cataneo e Vieira mostra o
que é fazer bem e o que é
não ter jeito.

goinista da peça. Mas depois
pensei que não seria justo.
Daria de Vieira a ideia de
um escritor, de um retóri-
co, que não é inteiramente
verdadeira. Não é a ima-
gem total que tenho dele.
Ou seja, as palavras que ele
dizia não eram ocas, ti-
nham consequências. ■

Gonçalves da FLL; Francisco da Gama Caeiro,
da mesma faculdade, responde pela cultura;
enquanto Fernando Taveira da Fonseca, da
Faculdade de Letras de Coimbra, anota as
questões que têm que ver com a história.

Para o coordenador da edição, "a anotação
visa, essencialmente, facilitar uma leitura do
exto tão completa e profunda quanto possi-
vel, tendo em vista o leitor actual de cultura
nédia". Uma visão que não quer esquecer
nem o leitor comum nem, sublinha Pinto de
astro, o "leitor de cultura superior" — uma
spécie de edição apocalíptica & integrada,
ara usar a popular terminologia de Umberto
co —, sobretudo porque, assinala Pinto de
astro, "o texto de Vieira não é, hoje, de leitu-
a fácil".

A edição das Obras Completas de Padre
ntónio Vieira segue, como princípio metodo-
gico, em termos de crítica textual, a primeira
lição ("princeps"), em particular nos casos
e foram preparados pelo próprio autor, mas
odernizando a grafia, sem que com esse pro-
dimento se "desvirtue a realização fonética
época da escrita".

Até à publicação integral da obra completa
António Vieira, o leitor tem à sua disposi-
o 15 volumes de "Sermões" na Lello, 12 vo-
mes das Obras Escolhidas na Sá da Costa,
a volume de "Sermões" escolhidos na Uli-

seia e, de acordo com o índice editado pela As-
sociação de Portuguesa de Editores e Livreiros
(APEL), existe uma edição braille (Edições
Braille, 1971) de "Sermões e Cartas de Padre
António Vieira". Mas Aníbal de Castro afirma:
"Com texto fidedigno, a obra de Vieira, na sua
totalidade só poderá ser lida no ano 2000."

O "dossier" de imprensa do Teatro D. Ma-
ria II, depois de assinalar que "o que Vieira es-
creveu é muito vasto, pouco acessível", e de
dar algumas informações bibliográficas, acres-
centa: "Não existe qualquer antologia dos tex-
tos melhores de Vieira. António José Saraiva
tinha e tem esse projecto, mas desconheço se o
está a realizar" — da leitura do "dossier" não
se percebe quem escreveu estas linhas ou se o
D. Maria II, pura e simplesmente, não tratou
de actualizar a prosa... Acontece que António
José Saraiva não pode ter, actualmente, este
projecto pelo simples facto — um infeliz facto
— de António José Saraiva ter falecido. Um
erro, convenhamos, clamoroso...

O "dossier" de imprensa informa, ainda,
que "o livro mais completo sobre a vida de
Vieira é (...) ainda o de João Lúcio de Azeve-
do". Ao contrário do que, correctamente, faz
para outros títulos, não indica a editora. Aqui
fica (a fonte é a APEL): a obra está publica na
Clássica, em dois volumes, e ao preço da uva
mijona, 2500 escudos. ■

3 ANTESTREIAS GRATUITAS

6.^a (25/03) e Sábado (26/03) – 21.30

Domingo (27/03) – DIA MUNDIAL DO TEATRO 16.30

ESTREIA 28 DE MARÇO - 21.30

Com MANUELA DE FREITAS e SANTOS MANUEL nos pro-
tagonistas e Encenação de MÁRIO VIEGAS



E todo o elenco da COMPANHIA TEATRAL DO CHIADO

6.^a Feiras – Sábados e 2.^{as} Feiras – 21.30

Domingos 16.30